Tão Perto, Tão Longe: Integração, Proximidade E Separação Na Tríplice Fronteira

– a percepção do processo de integração regional no coração do Mercosul

Marcos Costa Lima[37]
Milton Carlos Bragatti[38]

"El Paraná es uno de los grandes ríos de América, de torrente caudaloso, con costas a cientos cuando no a miles de metros una de otra. Desde los guaraníes y los jesuitas hasta el Mercosur, pasando por los procesos de construcción de los estados nacionales y la guerra de la Triple Alianza, el Paraná constituye un espacio que provoca la imaginación social. Es vía de navegación y canal de comunicación, es obstáculo

37. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e tem Pós-doutorado pela Université Paris XIII-Villetaneuse (2003). É membro do Conselho Deliberativo do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento e também professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco, onde coordena o Centro de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento D&R UFPE/CNPq. Atualmente é diretor da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI).

38. Mestre em International Communication Arts pelo New York Institute of Technology (NYIT), graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista Capes no Mestrado em Integração Regional Contemporânea na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

> *y frontera, es articulación y separación. Los sentidos del Paraná se transforman históricamente y son producidos, en esta zona, en relación a la conformación y redefinición de entramados identitarios. Sus aguas serán atravesadas tanto por los fundadores de las localidades vecinas como por los ejércitos en batalla, por las paseras paraguayas y los trabajadores de ambos países". (Alejandro Grimson, em "Frontera, periodismo y nación - o de cómo un puente separó dos orillas")*

A matéria empírica da política internacional são as percepções, segundo Héctor Saint-Pierre (2009). Para além dos benefícios que a integração regional possa trazer ao setor econômico, há uma poderosa dimensão simbólica no processo de integração regional para os povos dos países integrantes do Mercosul. Antigas desconfianças, disputas e rivalidades subsistem, mas nem de longe lembram o antagonismo, tensões e inimizades que existiram em vários momentos históricos.

A Guerra do Paraguai, que dizimou a população do país e envolveu outros três países vizinhos; a anexação do Uruguai pelo Brasil, sob o nome de Província da Cisplatina; além da disputa pelas ilhas do Canal de Beagle, que quase levou à guerra Argentina e Chile; e a corrida armamentista e geopolítica em preparação para possíveis cenários de violência entre Argentina e Brasil, são algumas das lembranças dolorosas que a região deixou para trás.

Regionalismo não é apenas a institucionalização de práticas transfronteiriças, mas também um reflexo de transformações no espaço regional, na análise de Tussie-Riggirozzi (2012). O que a região significa para o Estado e atores não-estatais pode ser significado e re-significado como motivações, interesses, idéias, narrativas e mudanças em políticas econômicas. "Região é, parafraseando Wendt, o que os atores fazem dela" (RIGGIROZZI-TUSSIE, 2012).

O processo de integração sul-americana, tomando-se por base a dinâmica do Mercosul e da Comunidade Andina, tem sido, até o presente, muito mais que uma articulação exitosa entre os países que enfeixam o Cone Sul da região, mesmo que convivendo com ondas de avanços e recuos. Nos anos noventa, dadas as transformações havidas no capitalismo, hoje enfeixadas no termo globalização/mundialização, novos problemas e enfoques são planteados e passam a exigir, portanto, novas interpretações. Os conceitos-chave de "Estado-nação", "Região", "Território", "Localização", "Fronteira", todos profundamente afetados por mudanças radicais e imersos em circuitos cruzados, estão a carecer de contribuições multidisciplinares, de novas abordagens mais articuladas e, ao mesmo tempo serem re-problematizados, re-atualizados (COSTA LIMA, 2011)

A América Latina também vem passando por modificações substantivas em termos dos processos regionais, bastando sinalizar para a incorporação do México ao NAFTA, o que sem sombra de dúvidas altera a geopolítica regional; a consolidação gradual do MERCOSUL, que incorporou a venezuela e a Bolívia em seu processo de expansão; e as próprias incertezas quanto ao futuro do Pacto Andino. O avanço destes processos poderá criar novas regiões, redefinir a divisão inter-regional do trabalho existente e talvez redesenhar os novos processos de concentração espacial da produção.

Sobre o território, a nação e a região, estão atuando em escala mundial formas exógenas articuladas, superpostas, inter-funcionais que, sobretudo do ponto de vista da periferia, são impositivas, fragmentárias e excludentes, tendo em vista a longa trajetória de dependência que caracterizou e ainda caracteriza os países que sofreram o colonialismo. A estas forças da globalização respondem contra-fluxos endógenos. A modernização, por exemplo, no setor do trabalho formal, sob condições de aceleração da inovação tecnológica, das fusões de empresas, está a exigir cada vez mais flexibilidade, mais adaptabilidade, o que tem provocado desemprego, precariedade das relações de trabalho, ampliação do setor informal, sem falar dos efeitos macroeconômicos perversos das políticas de ajuste, que exigem altas taxas de juros e, por conseguinte, mais desemprego, estagnação prolongada.

As mudanças na forma de atuação do capitalismo mundial têm determinado ou estabelecido novas correlações sobre os territórios na periferia, que se somam às estruturas e processos endógenos. Como questiona Altvater (1996) ao esboçar uma análise dialética dos espaços, para além do funcionalismo: "por quais mecanismos de atuação as tendências do mercado mundial se transpõem para realidades nacionais e regionais; em outras palavras, como fatores exógenos são endogenizados?" – O que corresponde a pesquisar a forma como o mercado mundial, a política, a ecologia social, a nação e a região se articulam.

Um dos traços mais constantes do desenvolvimento da economia latino-americana é sua crescente heterogeneidade espacial. Áreas de intenso dinamismo estão consolidando suas posições (grande Buenos Aires, São Paulo, Santiago) enquanto outras não alcançam a sinergia necessária para superar o atraso (Nordeste brasileiro, Chaco argentino, o sul do México, entre outras). Espaços antes vazios são ocupados (a região do Pantanal, ou da grande Belém), mas outros permanecem vazios (Patagônia, Amazonas, Norte do Chile). Tal movimento, de crescente diferenciação no espaço econômico, que é inerente à própria lógica da acumulação capitalista e que precisa localizar-se e buscar constantemente novas formas e localidades mais atraentes para sua aplicação, tem tornado cada vez mais inadequadas as políticas de combate e enfrentamento ao problema. Somos uma América Latina desigual, com indicadores de renda per capita sub-regionais que têm correlatos tanto aos da Índia mais pobre quanto aos da Espanha. As redes e sistemas metropolitanos, em toda sua diversidade, têm suas "ilhas" de competência, de excelência. A seu lado, convivem diversas "ilhas" de abandono, a exemplo do semiárido brasileiro, do noroeste argentino. As políticas de recorte neoliberais, ao abandonarem o planejamento das sub-regiões, agravam a situação, aprofundando a heterogeneidade espacial. E essas assimetrias são fortes adversárias da consecução e avanço de qualquer projeto mais arrojado de integração regional.

O desconhecimento teórico e empírico da dinâmica das sub-regiões latino-americanas, de seus fluxos econômico-financeiros, suas cadeias de valor, de suas vantagens comparativas e competitivas, é uma grande la-

cuna que precisa urgentemente de esforços descritivos e analítico-propositivos. Nesse sentido, é necessário construir bases de dados amplas e compatíveis, capazes de lançar luz sobre essas sub-regiões, sobre suas dinâmicas espaciais e territoriais; perceber e reforçar as capacidades e "*janelas de oportunidade*", bem como apoiar o desenho de alternativas sócio-econômicas e ambientais na direção da equidade, de padrões de desenvolvimento que sejam democrática e ambientalmente sustentáveis.

A trajetória "moderna" das sub-regiões latino-americanas está diretamente vinculada à formação sócio-econômica de seus países, que desde a origem estiveram inseridos no capitalismo, a princípio mercantil e posteriormente industrial, etapa que muitos dos países e sub-regiões do subcontinente ainda não alcançaram. A grande região amazônica, que engloba nove países, apresenta um mosaico de tempos históricos e grande heterogeneidade (COSTA LIMA, 2011).

A dimensão regional, uma das categorias do pensamento do mundo social e das representações que lhe estão associadas, tem sido objeto de lutas entre os cientistas sociais, não apenas entre geógrafos (que aspiram a uma definição legítima), mas também por parte de historiadores, etnólogos e, desde que existe uma política de "regionalização" e "movimentos" regionalistas, por parte de economistas e de sociólogos.

Consideramos importante aqui assinalar alguns aportes teóricos sobre os conceitos de *espaço* e *território* em Bourdieu (1989) e Lefebvre (1978), que nos ajudam a perceber o espaço da Tríplice Fronteira, foco de nossa análise (COSTA LIMA, 1999). Seguindo a reflexão de Bourdieu, "*o geógrafo prende-se talvez demasiado ao que se vê, enquanto o economista se deve prender ao que não se vê*" (p. 108). O geógrafo se limitaria à análise do conteúdo do espaço, privilegiando suas relações internas, olhando muito pouco para além das fronteiras políticas ou administrativas da região. Já para o economista, a região seria tanto espaço de aprovisionamento quanto de exportação e, neste caso, a interdependência das regiões seria um aspecto a privilegiar. Se tomados quase caricaturalmente os métodos das duas disciplinas, enquanto o geógrafo observa o pequeno, o particular, o concreto a descrição, o economista observaria o grande, o geral, o abstrato, a teoria.

A etimologia da palavra região (*regio*), segundo Emile Benveniste (*In* BOURDIEU, 1989: p. 114), conduz ao princípio da divisão, ato mágico, propriamente social, de *diacrisis* que introduz por *decreto* uma descontinuidade decisória na continuidade natural (não só entre regiões do espaço, mas também entre as idades, os sexos, etc.). *Regere fines* é então o ato que traça as fronteiras em linhas retas, separa o interior do exterior, o reino do sagrado do profano, o território nacional do território estrangeiro; é um ato *religioso* realizado pela personagem investida da mais alta autoridade, o *rex*, encarregado da *regere sacra*, de fixar as regras que trazem a existência daquilo por elas prescrito. A *régio* e suas fronteiras *(fines)* não passam do vestígio apagado do ato de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (*fines*), em impor a definição legítima conhecida e reconhecida das fronteiras e do território, em suma, princípio da "di-visão" legítima do mundo social.

Estas palavras iniciais, quase advertências, indicam não apenas as dificuldades, mas a necessidade de estabelecer um quadro analítico e conceitual mais alargado do que vem a ser os conceitos de *região*, de *espaço*, de *território*, de *fronteira*.

Uma abordagem teórica sobre a noção de *espaço* deve considerar a princípio que o termo guarda dimensão multidisciplinar: o espaço da física, o espaço natural; o espaço ambiental, o espaço urbano, construído, o espaço simbólico, político, estatal. Entre os pensadores modernos, foi talvez Henri Lefebvre um dos que conseguiu não apenas trabalhar esta dimensão de totalidade, mas também de especificidade e de diferenças, de contradições e de concretude que emanam do conceito. Em uma reflexão que estabelece acerca das ligações existentes entre o Estado e o espaço, Lefebvre afirma que no curso de sua gênese o Estado se liga ao espaço por uma relação complexa em cujo âmbito poderíamos destacar três momentos:

1. A produção de um espaço, *o território nacional*, espaço físico, balizado, transformado por redes, circuitos e fluxos que se instalam e que são estradas, canais, caminhos de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e vias-aéreas, etc. Portanto, é um espaço material-natural no qual se inscrevem os atos das gerações, das classes,

dos poderes políticos, seja enquanto produtores de objetos, seja de realidades duráveis (não apenas de coisas, de produtos isolados, de instrumentos e de mercadorias distribuídas ao consumo). Trata-se de um espaço material, construído e que garante a produção e a reprodução social.

2. No segundo momento ocorre a produção de um *espaço social propriamente dito*, ou seja, um edifício artificial de instituições hierarquizadas, de leis, de convenções sustentadas por "valores" que veiculam a língua nacional. Essa arquitetura social, ou ainda essa monumentalidade política é o Estado ele mesmo, pirâmide pousada sobre sua base e tendo no topo o chefe político. Ela é uma abstração concreta, repleta de símbolos, lugar de uma circulação intensa de informações e mensagens, de trocas espirituais, de representações, de ideologia, de saber ligado ao poder. E nos diz Lefebvre (1978): "não há instituição sem um espaço" (p.260). A família, a escola, a empresa, a igreja, cada uma possui um espaço apropriado cuja especificação é objeto da divisão do trabalho social e, portanto, de dominação política. Contudo, se cada Estado é um espaço social, neste espaço existe um mínimo de *consenso.*

3. No terceiro momento, que compreende o consenso social, o Estado ocupa um *espaço mental*, com as representações que cada um produz: confusas ou claras, vividas ou imaginadas, o espaço mental não deve se confundir com o espaço físico ou social, mas deles também não pode se separar.

Produto de um espaço, o Estado se volta sobre suas próprias condições históricas e antecedentes, transformando-as. Ao engendrar relações sociais no espaço, ele produz um suporte regulador, ordenador do espaço nacional, acabando por se constituir no interior do espaço mundial onde tende a se estabelecer.

Em sua qualidade eminentemente política o Estado reorganiza as relações sociais de produção. Para isso ele se depara, se articula, enfrenta o espaço econômico preexistente: polos de crescimento espontâneos, cidades históricas, comercialização do espaço fracionado e vendido em

lotes. Assim, o Estado tende a reproduzir não apenas as relações sociais inerentes à produção industrial, mas as relações de dominação inerentes à hierarquia dos grupos e dos lugares. Ao caos das relações entre indivíduos, grupos e frações de classe, ele tende a impor uma racionalidade, a sua, que tem o espaço como instrumento privilegiado. Se o econômico se reconstitui em termos espaciais – em fluxos de energia, matérias-primas, mão de obra, produtos acabados, circuitos comerciais, e estoques – o Estado procura controlar fluxos e estoques, assegurando a sua coordenação.

Sendo um marxista não ortodoxo, Lefebvre considera que o marxismo negligenciou durante muito tempo a cidade, o urbano, o espaço e o Estado ele mesmo. Isso se deu porque em sua reflexão, os marxistas se orientaram desde o princípio para a análise crítica da produção no sentido estritamente econômico, da empresa, do trabalho produtivo, bem como para a estratégia de uma eventual tomada do poder político e, consequentemente, de uma utilização dos aparelhos de estado na gestão das forças produtivas. Daí se segue que o movimento marxista só muito tardiamente tomou consciência da problemática da cidade, do espaço, e do Estado.

Para Lefebvre, uma ideologia mantinha a convicção de que os problemas urbanos e espaciais seriam problemas de países subdesenvolvidos ou resultantes do predomínio dos "interesses privados" sobre o interesse geral e público, representado mais ou menos pelo Estado. A industrialização aparece como um processo necessário e suficiente, produzindo suas próprias leis (econômicas) e suas implicações (reprodução da força de trabalho, etc.) Essa simplificação do real, vem sinalizar que a totalidade do processo escapava à ortodoxia marxista em razão de sua abordagem, que reduzia a realidade urbana e espacial a um epifenômeno da dinâmica econômica: de renda da terra, da especulação imobiliária. A produção, as relações de produção, os lugares da produção, o consumo, os lugares do consumo, seriam mais ou menos controlados por instâncias econômicas (o grande capital) e políticos (os aparelhos de estado), incluindo aqueles ideológicos. O filósofo diz que jamais insistirá o suficiente contra este reducionismo, reafirmando a complexidade das relações entre a

sociedade e o espaço. Essa reflexão sobre região, espaço e território, nos impulsiona a desenvolver, ainda teoricamente, o conceito de fronteira, essencial para o desenvolvimento analítico de nosso artigo.

A palavra fronteira implica, historicamente, aquilo que sua etimologia sugere – o que está na frente. A origem histórica da palavra mostra que seu uso não estava associado a nenhum conceito legal e que não era um conceito essencialmente político. Nasceu como um fenômeno da vida social espontânea, indicando a margem do mundo habitado. Na medida em que os padrões de civilização foram se desenvolvendo e ocupando os espaços da economia de subsistência, as fronteiras tornaram-se lugares de comunicação e, por conseguinte, adquiriram um caráter político. Mesmo assim, não tinham a conotação de uma área ou zona que marcasse o limite definido ou fim de uma unidade política. Na realidade, o sentido de fronteira era não de fim, mas do começo do Estado, o lugar para onde ele tendia a se expandir. Com este sentido, por exemplo, o termo foi empregado por F. Turner para caracterizar a expansão do povoamento no Oeste norte-americano, e retomado, com sucesso, nos trabalhos sobre a ocupação recente da Amazônia. Mais recentemente, vemos o uso metafórico da palavra em textos que tratam da revolução tecnológica[39].

Segundo Lia Machado (2000) não é surpresa, portanto, que a fronteira, historicamente, tem sido objeto permanente de preocupação dos Estados, no sentido de controle e vínculo. Tampouco é surpreendente que um dos objetivos do sistema histórico de Estados nacionais, em vigência por quase dois séculos, foi o de estimular a coincidência entre limite e fronteira, disso resultando uma convergência conceitual, passando a serem considerados sinônimos. Hoje, no entanto, a funcionalidade dessa convergência conceitual deve ser revista frente aos novos agenciamentos do poder político e econômico, e do espaço físico mundial. As manifestações mais evidentes dessas mudanças têm sido os diversos modelos de regionalismo (Comunidade Europeia, uniões aduaneiras como Nafta, Mercosul, etc.), a proliferação de organizações internacionais e transnacionais, as formas de organização em rede, possibilitadas pela revolução

39. In: www.igeo.ufrj.br/fronteiras/pesquisa/fronteira/pO2pub001.htm.

tecnológica dos meios de comunicação e informacionais, rápidas em redefinir espaços de transação que não coincidem com o espaço territorial dos Estados nacionais. A dificuldade hoje em dia em estabelecer um prognóstico seguro ou uma tendência para os Estados nacionais, a questão das fronteiras é retomada, surge o interesse em rediscutir seu papel.

Na literatura sobre limites e fronteiras políticas internacionais é possível encontrar inúmeras classificações para diferenciar os tipos de fronteiras-limite e suas peculiaridades. A mais conhecida delas – a classificação das fronteiras em *naturais* e *artificiais* – foi discutida durante toda a primeira metade do século XX, mesmo depois que passou a ser dominante a compreensão de que as fronteiras, mesmo as chamadas naturais, são resultado de convenções (bilaterais) ou de imposição (unilateral).

Uma característica importante do tratamento dado às regiões de fronteira na atualidade, ainda segundo Lia Machado é que o foco se deslocou do campo estritamente político para o campo econômico, sendo paradigmático o caso da fronteira entre o México e os Estados Unidos.

De modo geral, no entanto, a escassez de estudos sobre outras regiões de fronteira, que não aquelas EUA-México e da União Europeia, pode ser explicada na medida em que parte dessas regiões, como por exemplo, a Amazônia, ou ainda a Tríplice Fronteira do Mercosul, estão isoladas dos centros nacionais de seus respectivos Estados, têm carência de redes de transporte e de comunicação, além de dimensões políticas e econômicas pouco representativas. Com ausência de instituições capazes de gerar sinergias com os vizinhos, a cooperação entre países em regiões de fronteira tem sido feita informalmente, e/ou através de acordos tácitos entre as autoridades locais dos países fronteiriços.

Para a geógrafa da UFRJ esse processo é indicativo de que, mais do que uma perda de função dos limites e fronteiras internacionais, o que está ocorrendo é uma mutação da perspectiva do Estado em relação ao seu papel. A fronteira deixa de ser concebida somente a partir das estratégias e interesses do Estado central, passando a ser concebida também pelas comunidades de fronteira, ou seja, no âmbito subnacional. O desejo e a possibilidade real de comunidades locais estenderem sua influ-

ência e reforçarem sua centralidade além dos limites internacionais e sobre a faixa de fronteira subverte e renova os conceitos clássicos de limite e de fronteira.

Estas reflexões teóricas acima esboçadas só vêm reforçar que, conceitos, ideias e valores permeiam a criação e a constituição de um projeto de integração regional como o Mercosul e são importantes elementos na construção da cooperação e convivência entre os países da região. Esse processo se faz ainda mais visível e complexo para um espaço específico no interior do Bloco regional que articula os habitantes da região transfronteiriça entre Ciudad del Leste- Foz do Iguaçu-Puerto Iguazu, onde Paraguai, Brasil e Argentina se encontram e, não raro, se des-encontram. A construção e des-construção desse paradoxo e desconforto se faz muito real na narrativa e na experiência dos moradores e atores do cotidiano da "Tríplice Fronteira", unidos e separados pelo rio Paraná, aproximados e apartados pelas instituições dos Estados Nacionais e também pela própria institucionalidade do processo de integração regional do Mercosul. Ouvir os relatos dos habitantes da região é se deparar com um processo de integração e regionalismo contraditório, numa convivência e interdependência complexa e que clama por mudanças e soluções que, nestes quase vinte e cinco anos de Mercosul, poderiam ter sido pensadas e resolvidas.

IDENTIDADES, "FRONTEIRAS QUE CAMINHAM"

A noção clássica do Estado-Nação Moderna tem na defesa do território e das fronteiras um de seus fundamentos básicos: a tensão e fricção entre a territorialidade dos Estados-Nação é sensível a qualquer viajante ou turista que cruze fronteiras tradicionais da maioria dos países ao redor do mundo. Muitas vezes é também visível a relação conflituosa entre os centros de poder político, social, cultural e econômico e as regiões localizadas nas áreas-limite dos territórios nacionais. Essas tensões e contradições são potencializadas nesse processo de integração regional inconcluso e contraditório que é o Mercosul em seu estágio atual: se arranjos de integração regional supõem maior interconexão entre países, a transfronteirização nessa região da Bacia do Prata, dentre várias

dimensões de fluxos populacionais, sociais, econômicos, culturais, além de compartilhamento de infraestrutura comum, ainda envolve arranjos de institucionalidades interestatais, além de processos em que disputam e se sobrepõem acordos e arranjos bi, tri ou multilaterais em construção ou que se contradizem em escalas de poderes e multi-governanças entre atores e instituições assimétricas, com capacidades, recursos e eficácia diversas. As escalas decisórias locais e regionais-transfronteiriças se encontram pouco ou des-harmonizadas, além de distantes ou des-conectadas dos centros de poder nacionais, a milhares de quilômetros da região (CARNEIRO FILHO & RUCKERT, 2013).

> "(…) me parece que (la dificultad) está más en el lado gubernamental que del lado de la persona común. La persona común no tiene inconvenientes de integrar sobre trabajar con una persona de otro país. El problema está dado, básicamente, porque las leyes son bastante duras y bastante exigentes en cada uno de los lugares como para que uno pueda hacer eso. (…) si existen trabas, existen de cada uno de los gobiernos, no existen desde las personas comunes (…)." (Juan Olmedo, Puerto Iguazu)

Os habitantes dessa transfronteira sejam argentinos, paraguaios ou brasileiros, vivenciam contradições e ambiguidades advindas da lógica territorialista (controles rígidos de fronteiras e burocracia, por exemplo), também constroem e participam de múltiplas redes de solidariedade, de interação e interdependência econômica, cultural, política e mesmo afetiva de caráter transfronteiriço. As identidades e aspirações dos habitantes da região são re-construídas e re-significadas na convivência e no cotidiano da trans-fronteira:

"(…) as três cidades (…) são interdependentes, (…) qualquer situação, positiva ou negativa, que ocorra em uma destas cidades, (…) acaba recebendo reflexo, tanto para o bem, quanto para o mal (…)"(depoimento de Lindenor Cavalheiro, Foz do Iguaçu)

"(…) nessa região (…) nós temos muitas pessoas que vivem de um lado da fronteira e têm atividades econômicas do outro lado (…), isso se aplica a argentinos, brasileiros e paraguaios, (…) prin-

cipalmente na relação de brasileiros e paraguaios, (...) temos muitos brasileiros que têm negócios no Paraguai e também paraguaios que têm negócios aqui e que, muitas vezes, acabam residindo do outro lado da fronteira". (depoimento de Ivair Luiz Hoffman, Foz do Iguaçu)

Haesbert & Santa Bárbara (2001) propõem que as identidades nacionais, em tempos de globalização, tornam-se identidades plurais. Segundo os autores, estas identidades...

> (...) "podem ser ganhas ou perdidas, posto que estão fragmentadas, interna e externamente aos sujeitos, em múltiplos pólos e estratégias de poder nem sempre conciliáveis entre si. Nesse meio volátil, contudo, nem tudo são identidades híbridas, e um dos indicadores fundamentais da complexidade dessa dinâmica que gera ao mesmo tempo hibridismos e 'integrismos' e a relação que os grupos sociais estabelecem com os seus territórios para a construção de suas identidades" (HAESBERT & SANTA BARBARA, 2001).

Segundo Haesbert & Santa Bárbara, como forma de evitar o sentimento de instabilidade do cosmopolitismo ou o desconforto causado por certa indefinição das identidades conformadas a partir de hibridismos, "muitos grupos se refugiam sob a tutela de 'fronteiras territoriais' rígidas para manter a coesão de seus enraizamentos" (HAESBERT & SANTA BARBARA, 2001).

No entanto, em mais de vinte anos de Mercosul, a região transfronteiriça entre Argentina, Brasil e Paraguai também conforma e constrói novas representações e identidades, a partir da convivência regional e suas múltiplas relações. Segundo Souza (2009), regiões como a Tríplice Fronteira apresentam características muito próprias, a partir do processo de construção de

> (...) "múltiplas redes de solidariedade, de trocas comerciais, culturais e políticas, de caráter transfronteiriço: São espaços nos quais o local e o internacional se articula, estabelecendo vínculos e dinâmicas próprias, cons-

> truídas e reforçadas pelos povos fronteiriços. Neles estão presentes as identidades e as culturas nacionais de cada um dos países envolvidos, que constroem, reelaboram e constituem uma outra cultura e identidade diferenciada, capaz de recriar um novo lugar, com aspectos regionais. São regiões que não "respeitam" as barreiras existentes, já que há ação e interação dos agentes fronteiriços, estimulando dinâmicas fronteiriças informais" (SOUZA, 2009, p. 106).

A Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, segundo Carneiro Filho & Rückert, "é atravessada por fluxos que partem de cidades globais localizadas a muitos quilômetros dali – não apenas na América do Sul, como também no Leste Asiático, no Oriente Médio e nos Estados Unidos". Os autores ressaltam que tais fluxos fazem com que a integração dessa região "possua diversos níveis de intensidade, dificultando a visualização dos limites do território transfronteiriço... Limites esses que seriam importantes em uma eventual política de cooperação transfronteiriça a ser implementada na região". Segundo os autores,

> "A existência de uma região transfronteiriça deve estar enraizada na consciência das pessoas (mesmo que o contorno não seja minuciosamente determinado), sendo considerados elementos de ligação: as raízes culturais comuns e os símbolos da região. A história, por sua vez, pode ser percebida pela população como um fator de separação. No caso da Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, os símbolos da região (rio Paraná, Cataratas do Iguaçu, Itaipu, etc.), a bandeira do MERCOSUL, a UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana – e iniciativas como o Fórum Social da Tríplice Fronteira e o Núcleo de Fronteira do Paraná seriam elementos de apoio à construção de uma identidade transfronteiriça. Já a lembrança da guerra do Paraguai (1865 a 1870) e a rivalidade Brasil-Argentina seriam fatores complicadores na construção da identidade transfronteiriça" (CARNEIRO FILHO & RUCKERT, 2013).

O desenvolvimento dessa região transfronteiriça tem sua história influenciada pelas formulações geopolíticas de ideólogos como Mario Travassos e sua obra "A Projeção Continental do Brasil" e também do general Golbery do Couto e Silva, entre outros, que propuseram a ocupação da região a partir de projetos como a construção de rodovias, a Ponte da Amizade, e financiamento de iniciativas de povoamento, por exemplo. Carneiro Filho & Rückert lembram que o processo histórico de povoamento da região foi pautado por essa ocupação direcionada por políticas de governo, tendo como elemento mais visível e importante a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, que modificou drasticamente a paisagem local e motivou o crescimento exponencial da população em Ciudad del Este e Foz do Iguaçu,

> "Para se ter uma ideia do impacto causado por Itaipu, a cidade de Puerto Iguazú, que não participou do empreendimento, passou de uma população de 3.001 habitantes em 1970 (MOURA, 2010) para 82.227 habitantes em 2010 (INDEC, 2010). Os investimentos governamentais na região também explicam a existência de grandes colônias de estrangeiros, em especial chineses (taiwaneses e cantoneses) e árabes (predominantemente palestinos, libaneses, jordanianos e egípcios), ainda que o maior grupo de estrangeiros da região seja o dos brasiguaios (população de origem brasileira que reside no Paraguai). Os brasiguaios estão radicados, sobretudo, em regiões da fronteira Brasil-Paraguai." (CARNEIRO FILHO & RÜCKERT, 2013)

No entanto, segundo Haesbert & Santa Barbara (2001), a construção das identidades de populações transfronteiriças é um processo complexo. O autor cita o exemplo dos migrantes brasileiros para os países da região, onde a "dominação" ideologico-cultural brasileira sobre a população dos vizinhos do Prata tende a dar uma falsa ideia de homogeneidade social entre os grupos populacionais da área, especialmente os migrantes brasileiros:

> "Esses sujeitos, na verdade, também re-constroem nos países vizinhos, além da identidade nacional brasileira, distinções quanto a classe social (sem-terras; pequenos, médios, grandes proprietarios; empresários etc.); identidades regionais (sulistas, nordestinos etc.), traços étnicos (descendentes de alemães, italianos, poloneses, negros, índios etc.). Tais atributos dão ideia da pluralidade de possibilidades ao alcance de um imigrante brasileiro para que esse reconstrua sua identidade social em terra estrangeira, tanto pela autoreconstrução de sua imagem quanto pelas atribuições que lhe são dadas pelos outros grupos nacionais, étnicos e regionais" (HAESBERT & SANTA BARBARA, 2001).

JOGOS DE MULTINÍVEL NA REGIÃO TRANSFRONTEIRIÇA

As áreas de fronteira, limítrofe entre Estados-Nação, municípios e regiões, são ponto de tensões e fricções entre vários níveis de *governança*, numa sobreposição de "autoridades" e burocracias. Além disso, são diversos e múltiplos os grupos sociais, identitários, os atores que compõem o processo de integração da região, especialmente na Tríplice Fronteira. Neste sentido, um texto clássico de análise de política externa (*Foreign Policy Analysis*), de Hudson, parece se adequar à análise da complexidade da região e às situações de multilevel das regiões de fronteira como um todo, ao propor uma ênfase no aspecto humano e tratar o objeto da análise.

> "(...) como multifatorial, com o objetivo de examinar variáveis de mais de um nível de análise (ou vários níveis). Variáveis explicativas de todos os níveis de análise, desde o mais micro ao mais macro, são de interesse para o analista na medida em que elas afetam o processo de tomada de decisão. Como resultado, insights de muitas disciplinas intelectuais, como a psicologia, a sociologia, comportamento organizacional, antropologia, economia, e assim por diante, serão úteis para os analis-

> tas de política externa (...) Estados-nação não são agentes porque Estados são abstrações e, portanto, não têm ação. Somente seres humanos são verdadeiros agentes (atores), e é a ação deles que é fonte de toda política internacional e de toda mudança" (HUDSON, 2005, pag. 2-3 , tradução dos autores).

A autora adverte para a necessidade de se analisar, sob o risco de se perder na abstração dos conceitos e não conseguir interpretar a dimensão humana dos processos de relações internacionais, o que muitos autores chamam de "agência", ou seja, "o ator: é quando nos sentimos totalmente confortáveis com a omissão da dimensão dos seres humanos reais que estão por trás das abstrações que perdemos algo profundamente importante das Relações Internacionais" (HUDSON, 2005).

Hudson destaca que, mesmo centrando sua análise no papel das lideranças em *Foreign Policy*, é necessária uma maior complexidade:

> "(...) o que é aceito é que a Teoria de Relações Internacionais hoje fornece muito mais *insight* na estrutura do que na agência. Essa é uma falha severa, porque a falta de um conceito robusto de 'agente' em RI representa uma desvantagem quando se tenta explicar ou projetar mudanças significativas e de criatividade notáveis (...). O que é necessário é quase uma antropologia das RI que se aprofunde em conceitos orientados nos atores-agentes como motivação, emoção, e problemas de identidade e representação". (Hudson, 2005, pag. 4, tradução dos autores)

Neste sentido, ao entrevistar os atores que vivenciam a realidade e o cotidiano da integração regional no coração do Mercosul, a pesquisa empreendida pela Unila inova e presta enorme contribuição a uma maior compreensão – que pode ter múltiplas abordagens, como a Antropológica, Sociológica, de Relações Internacionais, Ciência Política, Psicológica, Linguística, Ambiental entre outras – desse processo de regionalismo, especialmente sob o ponto de vista da dimensão humana.

REPRESENTAÇÕES, IDENTIDADES, ALTERIDADES: MEDO E DESEJO NO COTIDIANO DA FRONTEIRA

"Las fronteras son un lugar privilegiado para la escenificación de la ley. Allí los límites de la soberanía de un Estado nacional se materializan y simbolizan en diferentes cosas y acciones. En la triple frontera, aunque en diferentes ritmos o intensidades, la ley se hace visible en los pasos de aduana, en carteles que anuncian el fin y el inicio de un área, o que alertan sobre la persecución de determinado tipo de crímenes; hay barreras, filas, documentos, uniformes, escanners, oficinas, computadoras, banderas, perros, patrulleros, ventanillas, autoridades, idiomas, personas en movimiento, valijas, cajas, paquetes, vehículos, patentes provenientes de los países lindantes, tonos de voz y formas de expresión adecuadas para la interacción en estos contextos. La autoridad se hace sentir en el cuerpo de quien transita. Se trata de una realidad vivida de forma central y marginal al mismo tiempo, sobre todo por quienes habitan en algún lugar de estas fronteras ya que, si bien las personas conviven con la ley, esta es frecuentemente vista como una amenaza, y sobre ella se asumen márgenes de riesgo… Las rutinas de vida de las personas muestran que las relaciones que establecen entre ellas reformulan las grandes categorías que sustentan la legitimidad de la frontera como referencia universal. En todo ir y venir, en cada repetición creadora de sus trayectos, vemos la densidad de la trama que tejen las personas y las cosas, y que se sobrepone a las cuatro ciudades, a los tres países, a las tres aduanas, a los tres estados, a través de la amistad, la vecindad, el compadrazgo y el parentesco. En estas formas sociológicas también vemos prevalecer los sentimientos y actitudes que motivan tantas veces una elección y no otra: la vergüenza, la necesidad, el odio, el amor, el resentimiento, el cuidado o la venganza". RENOLDI, Brígida (2013). "Fronteras que Caminan".

A pesquisa buscou ouvir os atores que vivenciam o cotidiano da região mais central do Mercosul e a elaboração e representações que eles próprios produzem dessa experiência. Esses personagens foram selecionados segundo setores sociais, étnicos, nacionais diversos, sem distinção, e também sem a idealização e pre-conceituação de abordagens mais tradicionais de Relações Internacionais e Ciências Sociais em geral, onde o pesquisador tenta elaborar conceitos e os encaixa como num quebra-cabeças, cada conceito em sua própria moldura, sua própria "caixa".

Ouvir os habitantes da região e respeitar suas próprias falas foi um ponto de partida importante e que traz perspectivas inovadoras para o ambiente acadêmico e institucional. Spektor (2015) explica que a metodologia de História Oral Crítica (*Critical Oral History* ou COH) é um processo de deliberação coletiva, que envolve os personagens que participaram de um evento histórico e também acadêmicos especializados no assunto em questão. O autor ressalta que, ao contrário de conferências acadêmicas tradicionais, um encontro desta natureza não debate *papers* escritos previamente. Uma das etapas da pesquisa levada a cabo pela UNILA foi exatamente essa. Além das entrevistas individuais, houve também encontros coletivos entre esses personagens e os autores deste livro. O objetivo foi o de criar um ambiente no qual as testemunhas históricas pudessem comparar suas memórias e interpretações com o auxílio de especialistas. Spektor ressalta que

> "Esse tipo de história oral é 'crítica' porque a narrativa de cada personagem é confrontada à documentação histórica disponível, à memória pessoal de outros participantes e ao escrutínio dos acadêmicos. A presença simultânea de indivíduos que presenciaram os eventos em questão, documentos inéditos e especialistas da academia tende a gerar uma discussão fértil sobre as causas e os efeitos das decisões históricas sob análise" (SPEKTOR, 2015 – apud Blight e Lang 1995, 2007 e 2010, Lang 2000, Blight e Welch 1990, Blight, Kramer e Welch 1990, Scott e Smith 1994 e Wohlforth 2003).

Nos depoimentos, além da riqueza e complexidade da vida na região,

"medo" e "desejo" são dois aspectos dos mais presentes na elaboração da experiência dessa área transfronteiriça, em uma convivência de atração, separação, repulsa, cooperação e competição. As fronteiras se fazem presentes no cotidiano a partir da dificuldade de livre trânsito, especialmente na "aduana" de Puerto Iguazu, Argentina, onde o "visitante" é obrigado a passar por revista, apresentar documentação e preencher formulários para poder entrar e sair do país. Mas, se entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Leste a travessia física não apresenta grandes problemas, a distância se faz a partir das incongruências e desarmonias burocráticas e econômicas.

"El vecino tiene la intención de integrarse con el vecino de la otra ciudad pero normalmente, tanto los controles como los mecanismos de funcionamiento de cada país hacen que eso sea un poco más complicado. O sea, talvez a una persona que viva en Foz do Iguaçu, si usted se lo facilita de alguna manera poder hasta vivir en (Puerto) Iguazú un tiempo, lo va hacer, y lo mismo pasa con la gente de (Puerto) Iguazú. Pero esto no está dado porque existen trabas importantes en cada país, empezando por la seguridad que dificultan que esto pase porque a partir que una persona no se puede (...) porque tiene que esperar a un lado del rio porque tiene que esperar dos horas para que se puedan hacer los trámites eso ya es un traba, es un impedimento para la integración." (depoimento de Juan Olmedo, Puerto Iguazu)

"(...) lo que se tendría que trabajar es el relacionamiento diplomático (...) de las autoridades en si.Y que no se quede solo en palabras, que se vayan en hechos, porque a veces firmamos convenios, tratados, pero queda solo en papel y en la práctica es diferente con los habitantes. (...) Nuestras autoridades tienen muy buenas ideas, pero son entre cuatro paredes, no viven las realidades, no están... y yo creo que yo soy parte de los habitantes, no soy autoridad pero vivo con los habitantes, o sea, yo creo que tendría más incidencia como nexo explicarle a esa autoridad como se debería trabajar " (depoimento de Faryda Ramona Castillo, Ciudad del Este)

O medo se expressa não apenas no aspecto da (in)segurança, da sensação de criminalidade que se utilizaria da fronteira relativamente aberta e, paradoxalmente, não suficientemente policiada na opinião de vários entrevistados, mas, também de uma incompreensão ou distanciamento entre o aspecto social e cultural entre as três cidades.

> "A Tríplice Fronteira (Ciudad del Este no Paraguai, Foz do Iguaçu no Brasil e Puerto Iguazú na Argentina) é geralmente representada a partir de meados da década de

> 1990, particularmente pela imprensa brasileira e argentina e organismos oficiais de segurança e "inteligência" dos Estados Unidos como um lugar de tráfico de drogas e armas, de lavagem de dólares, de venda ilegal de cigarros, "paraíso de contrabandistas", santuário da corrupção, impunidade e delinqüência" [sic], espaço de trânsito de sacoleiros, e refúgio de traficantes e terroristas árabes. A ponte da amizade é o foco principal do comércio fronteiriço e das imagens construídas sobre essa fronteira (...) As mercadorias "pirateadas" ou sem nota fiscal compradas em Ciudad del Este e revendidas em todas as cidades brasileiras ajudam também a cristalizar preconceitos sobre a nação vizinha, tais como "país da falsificação", "tudo que é do Paraguai não presta" etc. [...] (ALBUQUERQUE, 2010, p. 38-39).

"(...) la integración no puede violar la soberanía, que yo... que usted me abra las puertas, que usted es mi vecino, que usted me abra las puertas de su casa, que invite que mis hijos vayan a compartir con tus hijos en una cena, eso a mí no me habilita para que yo me vaya a tu habitación. O sea que la integración no puede entenderse como una violación ni la puesta en peligro de la frontera."(depoimento de Leonardo Rodas, Ciudad del Este)

O desejo de maior aproximação, compreensão e convivência é grande em muitos dos depoimentos:

(...) el deseo del poblador fronterizo es tener un poco más de fluido en el trato, un poco más de diferencia que si uno vive en frontera con un trafico con menos controles, con menos... pero bueno, sucede que siempre todas estas normativas se manejan a niveles nacionales y las decisiones pasan por otros lugares donde no llegan a quizás a interpretarlo, que las fronteras en determinadas ocasiones necesitan, por eso, porai, a veces no se nota como hay integración si de repente yo llego a la frontera y tengo un control, y tengo un documento y me piden un documento... no hay un otro trámite. (...) (Eduardo Acevedo, Puerto Iguazu)

Os moradores revelam que, mesmo com todos os entraves e problemas, há uma enorme interação e um desejo de aproximação no plano individual e afetivo:

"Más que un deseo, yo creo que es más una costumbre, o sea, es más un tema de algo normal (...)

si tengo que ir a Foz porque voy como que voy a otro barrio (…) entre personas que viven de un lado o de otro (se) establecen relaciones familiares que superan todo lo que estamos hablando (…) (Hay) total fraternidad. (…) Las fronteras nunca nos limitan (…) (depoimento de Eduardo Acevedo, Puerto Iguazu)

CONCLUSÕES

> "O antropólogo Alejandro Grimson defende que é preciso se estabelecer uma diferença entre a integração da região transfronteiriça e a integração do MERCOSUL. Para Grimson o MERCOSUL é um acordo de metrópoles (São Paulo-Buenos Aires) que contrapõe o grande ao pequeno, o acordo político à convivência histórica. Dessa forma, haveria uma contraposição entre MERCOSUL e integração" [grifos nossos] (CARNEIRO FILHO & RÜCKERT, apud GRIMSON, 2002).

As políticas de integração do MERCOSUL não consideram, em geral, o cotidiano e os interesses dos moradores das áreas transfronteiriças. Como lembram Carneiro Filho & Rückert, "a integração em curso é dirigida desde as capitais econômicas e políticas (Buenos Aires, São Paulo, Brasília, etc.) e atende antes de tudo aos interesses do grande capital": o fluxo e circulação de moradores e trabalhadores pelos territórios dos países do bloco é um dos principais entraves ao processo de integração de suas regiões transfronteiriças. A implementação do bloco não contemplou a realidade transfronteiriça, que não foi reconhecida e nem incorporada nas ações programáticas próprias de fronteira institucional de integração (CARNEIRO FILHO & RÜCKERT, 2013). Neste sentido, os moradores e representantes da região reconhecem que também poderiam ser mais propositivos e atuar de maneira mais concertada:

"(…) o que eu noto é que por parte dos governantes (…) não existe uma predisposição, uma vontade de ir atrás de fazer essa integração, fazer reuniões permanentes com os secretários da prefeitura, com a sociedade civil organizada, com o prefeito, pra fazer essa integração, as coisas tão acontecendo ao natural, não existe alguém fazendo frente, puxando fila, abrindo portas, acho que isso está faltando e faço aqui até o mea culpa. Eu

ocupo um cargo importante de secretário de governo e a gente acaba ficando meio encastelado aqui, resolvendo problemas do dia-a-dia e não buscando isso. Quem sabe essa entrevista que você (es)tá fazendo comigo, e com outras pessoas, (…) sirva de semente pra gente tirar um pouco o traseiro da cadeira ir atrás, procurar, abrir portas, tirar os entraves que acontecem no dia a dia porque é essa a integração. (…) mas (es)tá faltando nós da tríplice fronteira criar um a cada quanto tempo, criando metas, pra poder fazer essa integração e quebrar as barreiras que elas existem."(Sergio Beltrame, Foz do Iguaçu)

Os cidadãos dos três países querem participar nesse processo e também oferecer suas propostas:

"(…) lo primero que hay que hacer es, al ponerse en acuerdo, es tratar de que (…) el tránsito en la región sea un poco más fluido, sin despegar de la seguridad, (…) porque uno no puede tardarse para cruzar de un lado hacia otro (…).Yo creo que los países tienen que trabajar la integración desafiándose a objetivos y metas cortas y logrables en el tiempo para que esto no se dilate y que cuando vayan pasando los gobiernos… cuesta mucho que todo se proyecte en el tiempo, el que viene tiene la inercia de cambiarlo y entonces ahí dificulta que los objetivos a largo plazo se cumplan."(Juan Olmedo, Puerto Iguazu)

As barreiras e travas territoriais e fronteiriças devem ser revistas e flexibilizadas pelo menos para quem vive na região, como se pode perceber no depoimento de Danilo Vendruscolo, de Foz do Iguaçu: "(…) nós temos que desenvolver um único território nessa região, não podemos mais olhar apenas o território do Oeste do Paraná, mas sim o território como um todo, integrando o Oeste do Paraná com o Leste do Paraguai e o Norte da Argentina, ou seja, e aqui nós criarmos um único território…"

No entanto, não é apenas uma questão territorial, mas deve haver uma dimensão cultural e simbólica, também presente no desejo de muitos moradores, como se percebe na fala de José Gnaspini, também de Foz do Iguaçu:

"Primeiro um respeito à cultura e origens de cada um, acho que todos nós deveríamos conhecer um pouco da história de cada país da América Latina, conhecer um pouco da história do Peru, Argentina, o Brasil patina um pouco nesse setor, mal conhece sua própria

história. (…) Então é muito importante se conhecer, que cada país se conheça um pouco, eu conhecer um pouco a história dos argentinos, eles conhecerem a nossa, a história da Venezuela, até da formação das Guianas e tudo (…).”

Há uma riqueza ainda por explorar nesta região tripartite, tão pouco estudada, o que é um dos aportes deste livro e nas próprias entrevistas realizadas surge um amplo conjunto de temáticas e perplexidades que vêm a tona. Ficamos sabendo, por exemplo, a partir das entrevistas realizadas por Jayme Benvenutto em 2014 e 2015 em Ciudad de Leste[40] com pessoas de diversas áreas profissionais, que é um território habitado não apenas por brasileiros, paraguaios e argentinos, mas também por muitos árabes, libaneses, palestinos, chineses e indianos, formando um ambiente transcultural. Que uma larga maioria de brasileiros, que chega a 90 por cento do total, vai todo dia ao trabalho em Ciudad de Leste, mas vive no Brasil. Que a ampla maioria dos entrevistados acredita na integração, mas não tem percepção de que o processo do Mercosul tenha visibilidade nas três cidades, muito embora defendam o processo, acreditando que os estados nacionais têm que ser mais afirmativos e menos retóricos na integração. A questão cultural e a educação são vistas como um dos elementos capazes de criar solidariedade comum entre os habitantes da tríplice fronteira. Hoje já existem muitas famílias formadas por binacionais, sobretudo de brasileiros e paraguaias ou paraguaios e brasileiras vivendo seja em Foz, seja em Ciudad del Este, que plasmam e aprendem a cultura do outro. E quase todos são unânimes em afirmar que deveria existir uma integração mais social, mais cultural, o que ainda é muito frágil, pois o comércio é sempre o veículo e o vetor privilegiado e mais divulgado. Mesmo ao nível das prefeituras, são rarefeitas e episódicas as iniciativas nesta direção. Dizem que por parte da juventude as iniciativas artísticas acontecem, mas também são esporádicas. Não existe ao menos um centro cultural que congregue as três nacionalidades. Observam-se também problemas, a exemplo da integração relativa aos colonos brasileiros que se dedicam à plantação de

40. BENVENUTO, Jayme (2014), Pesquisa Percepção da Integração regional na Fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai: Foz do Iguaçu, Puerto Iguaçu e Ciudad del leste. *ENTREVISTAS.*

soja do lado paraguaio. São comuns as percepções de que estes colonos tem um preconceito forte com relação aos paraguaios. São pessoas que não se integram à vida paraguaia, não aprendem o idioma, nem procuram integrar-se ao mundo local. Mas ao mesmo tempo são muitos os que têm simpatia pelo brasileiro comum, e afirmam ser muito mais fácil criar um relacionamento duradouro e proativo com brasileiros do que com argentinos.

Perguntados sobre o que seria a unidade latino americana, todos estão convictos de que temos raízes comuns, mas que na prática**,** tanto para o Mercosul quanto para se falar em uma unidade mais ampla, por mais protocolos e gestões feitas: *"en la práctica aún falta mucho, es una materia pendiente."*

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. L. (2010). **A dinâmica das fronteiras:** os brasiguaios na fronteira dentre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume.

ALTVATER, Elmar (1996). **O Preço da Riqueza**, (tradução de Wolfgang Leo Maar), 1996, Ed. da Unesp e Elmar Altvater, / Mahnkopf, Birgit (2002): Los límites de la globalización (Siglo XXI) Mexico, Buenos Aires, Madrid.

BOURDIEU, Pierre (1989), **O Poder Simbólico**. São Paulo: Difel.

CARDIN, E. G. (2005) A formação do ser social e a informalidade na Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTÚDIOS DEL TRABAJO, 7., 2005, Buenos Aires, Argentina. **Anais,** Buenos Aires, p. 01-21.

_____. (2009) Globalização e desenvolvimento regional na Tríplice Fronteira. **Ciências Sociais Unisinos,** São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 162-170, maio/ago.

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira & RÜCKERT, Aldomar Arnaldo (2013) - **Estratégias de cooperação e desenvolvimento nas fronteiras do MERCOSUL: a Região Transfronteiriça do Iguaçu**, em Anais Encontros Nacionais da Anpur, volume 15.

COSTA LIMA, Marcos (2011). **A Questão das Fronteiras no Norte do Brasil, a Amazônia e a Cosntrução de uma Unidade Sul-Americana**. In: Estevão Chaves de Rezende Martins e Filipe Kern Moreira(Orgs.) in: *As Relações internacionais na Fronteira Norte do Brasil*. Boa Vista: Editora UFRR, p.11:38.

COSTA LIMA, Marcos (1999). **O MERCOSUL no contexto da nova ordem mundial**. Tese doutoral orientada por Juarez Brandão Lopes. Campinas:UNICAMP/IFCHS.

GRIMSON, Alejandro (2000). "**Frontera, periodismo y nación - o de cómo un puente separó dos orillas**", disponível online em www.eca.usp.br/associa/.../Alejandro%20Grinson.rtf consultado em 2/11/2015

HAESBERT, Rogério & SANTA BÁRBARA, Marcelo de Jesus (2001). **Identidade e Migração em Áreas Transfronteiriças**, em Revista GEOgrafia, vol. 3, no. 5.

HUDSON, V. M. (2005). **Foreign Policy Analysis: Actor-Specific Theory and the Ground of International Relations.** *Foreign Policy Analysis*, 1(1), 1-30.

LEFEBVRE, Henri (1978), "L'Espace et l'État". In: Henri Lefebvre: **De l'État. 4. Les contradictions de l' État Moderne.** Paris: 10/18, pp.257-324.

MACHADO, Lia Osório (2000). **Limites e Fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade.** Revista Território, v.8,p9-29, Rio de Janeiro –UFRJ.

RENOLDI, Brígida (2013). Fronteras que Caminan, em Revista Transporte y Territorio /9 , pag. 123-140. disponível

online em dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4698182.pdf consultado em 02/11/2015.

RIGGIROZZI, P. and TUSSIE, D. (eds.). (2012) **The Rise of Post-hegemonic Regionalism.** United Nations University Series on Regionalism 4, 2012.

SAINT-PIERRE, Héctor. (2009) **La Defensa en la Política Exterior del Brasil: el Consejo Suramericano y la Estrategia Nacional de Defensa.** Documento de Trabajo, Real Instituto Decano, Madrid.

SOUZA. E. B. C. de. (2009). **Tríplice Fronteira: fluxos da região Oeste do Paraná com o Paraguai e Argentina.** Terr@Plural, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 103-116, jan./jul.

_____. **Estado: produção da região do Lago de Itaipu – turismo e crise energética**. 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Presidente Prudente, 2002.

SPEKTOR, Matias (2015). "Notas ao Leitor" em **Origens da Cooperação Nuclear - Uma 'História Oral Crítica' entre Brasil e Argentina**, Fundação Getúlio Vargas.